

“Arribas” - Paisagens, Geologia, Fauna e Flora.



COLECTIVA DE FOTOGRAFIA



Museu Nacional
de História Natural



Sítio Colectivo do
Centro Cultural Roque Gamito

O Mar é a terra da vida!

E todos os Homens são migrantes, desejosos de voltar a olhar a sua terra, desejosos de voltar a olhar o Mar. O Mar só é Mar porque tem limite e, esse limite, é a Terra. O Mar não seria Mar se não existisse Terra.

As Fronteiras sempre foram especiais, sempre foram terras indefinidas, fluídas, quase líquidas, quase irreais. E quanto mais in-humanas, mais atraentes para o Homem-migrante, para o Homem que quer voltar a olhar a sua Terra.

Depois do olhar vem o sentir. O Homem-migrante sente o apelo da fronteira, sente o limes, a linha entre o esquecimento e a memória. E essa linha limite, entre o desejo e a História é fábula, natureza naturante do Homem. Do Homem que vê, do Homem que sente.

Para o fotógrafo-Homem-que-olha-e-que-sente, as arribas são limes, são fronteiras entre o lugar ser e o lugar estar. É luz interpenetrante, não pertence ao Mar, nem à Terra certamente. É o lugar-desejo, onde se capta uma luz, algures entre o estado líquido e o estado sólido. Sim, porque a luz tem um estado físico, um estado que se sente, ou antes, que se presente.

Na fotografia capta-se o real?

Não, na fotografia sente-se um real, escolhe-se, de acordo com o sentir, a coloração desse real, a forma desse real. E ao escolher estamos a criar...

Sob o olhar do fotógrafo, a luz metamorfoseia o seu estado. A máquina fotográfica, qual crisálida de luz, é instrumento de criação. Fotografar é permanentemente modelar fronteiras, mesmo que essas fronteiras sejam fábulas, arribas, terras e mares... luz!

Exposição de 30 de Novembro a 28 de Dezembro de 2007



**Museu Nacional
de História Natural**



Museu Nacional de História Natural

Museus da Politécnica

Rua da Escola Politécnica, 58

1250-102 Lisboa

Tel:21 3921883

www.mnhn.ul.pt

Horário:

Terça-feira a Sexta - das 10h00 às 17h00

Sábado e Domingo - das 11h00 às 18h00

Encerra às Segundas e Feriados



António Delicado



Alzira Avelino



Angélica Valente



Armando Cardoso



Henrique Oliveira Pires



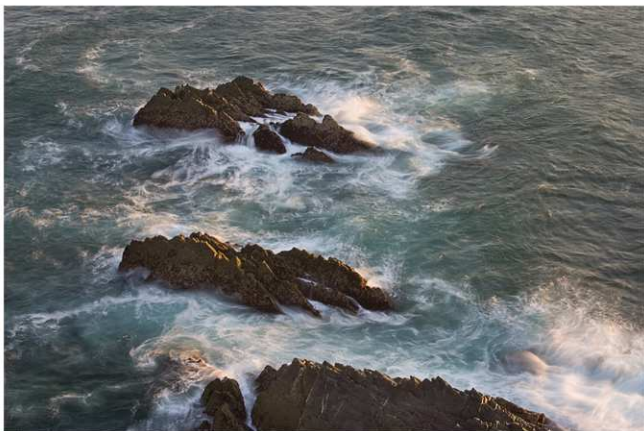
Jaime Bahia



Elsa Mota Gomes



João Castela Cravo



Maria Paula



Vanda Foster Silva



Margarida Araújo



Francisco Gil Pinheiro

“(…) que a nossa fotografia não se esgote no colectivo, mas, também, que o colectivo não se esgote na fotografia.”

Este era o desejo final formulado no texto do catálogo da nossa primeira exposição “Só o contraste destaca o Colectivo”. Agora, passado algum tempo, podemos dizer que esse desejo tem-se realizado. Continuamos a ser um grupo entrelaçado pela fotografia, mas também pela amizade. Um colectivo em que aquilo que nos une continua a ser a diferença, a diferença no entendimento da Fotografia, a diferença na procura de caminhos diversos, mas em que todos eles desembocam no mesmo Mar, como rios, tumultuosos uns, tranquilos outros, convergindo no mesmo querer-ser-estar – a Fotografia.

Sim, não temos um entendimento da fotografia mono-formalista. Não nos preenche um caminho, mesmo que muito bem calçadado, onde todos tenham que andar da mesma maneira. Preferimos as veredas, mesmo mais difíceis de calcorrear, desde que todas concorram para uma Fotografia poli-formal, poli-estética.

O acolhimento à nossa primeira exposição (patente na Casa Roque Gameiro, na Amadora e na Sede da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa), deu-nos ânimo para continuar a trilhar as nossas veredas, para continuar a fazer e a mostrar as nossas fotografias. Outras exposições, outros projectos, outras coisas já estão em mente, afinal, a Fotografia, entendida sobretudo como criação, é sobretudo isso, uma actividade mental ligada à mão – em consequência, Arte!

f 2.8, Colectivo de Fotografia
Sócio Colectivo do Centro Cultural Roque Gameiro
Novembro de 2007



COLECTIVO DE FOTOGRAFIA

Sócio Colectivo do
Centro Cultural Roque Gameiro